



Luís Crespo de Andrade

SOL NASCENTE

Da cultura republicana e anarquista
ao neo-realismo



Depoimento de Jorge Mendonça Torres*

O núcleo de Coimbra

O núcleo do *Sol Nascente* de Coimbra distinguia-se completamente do grupo do Porto. Era um grupo pequeno, constituído, fundamentalmente, pelo Joaquim Namorado, o Manuel de Azevedo, que era o elo de ligação com o Porto, o Jofre Amaral Nogueira, o Fernando Pinto Loureiro, o Fernando Arcanjo de Sá Marta, muito próximo do Pinto Loureiro, e o António José Soares.

Em Coimbra, praticamente não havia nada. Havia um ficheiro, que servia para se fazer a expedição do jornal.

A minha participação foi sobretudo na parte administrativa. Ajudava a levantar os pacotes de jornais, depois dobrávamo-los e etiquetávamo-los, com uma banda onde estavam as direcções. Havia poucos assinantes e a tiragem era pequena. Não faço ideia dos números, sei somente que os exemplares enchiam duas malas de viagem vulgares. Era eu e um outro que íamos ao correio, à noite, fazer a expedição. Lidava muito com a correspondência. Houve colaboradores que acompanhei durante algum tempo.

Existia um intercâmbio muito grande entre o *Sol Nascente* e o *O Diabo*. Vim, várias vezes, com o Joaquim Namorado, contactar gente de *O Diabo*, em Lisboa. Nessa altura, convivi muito com o Mário Dionísio e o Manuel da Fonseca.

O *Sol Nascente* penetrava muito pouco no meio académico de Coimbra. Era um grupo pequeno e fechado. A única pessoa que tinha um convívio grande era o Joaquim Namorado, apesar do feitio que tinha. O *Diabo* tinha mais expansão. Era mais lido.

A expressão “neo-realismo” foi utilizada pela primeira vez, entre nós, por Joaquim Namorado, em consequência da leitura de um livro que eu tinha conseguido obter nessa altura, que se intitulava *Pour un réalisme socialiste*, de Louis Aragon. Eu comprei-o, li-o e emprestei-o ao Joaquim Namorado, que, aliás, ficou com ele. O Joaquim Namorado achou o livro extraordinário. Só a partir dessa altura é que se começou a falar em realismo socialista e em neo-realismo.

* Extractos de entrevista realizada em Lisboa, no dia 1 de Agosto de 2002.

Nós descobrimos que a única livraria que não tinha censura aos livros que entravam era a Coimbra Editora, que era dos lentes, incluindo Salazar. Os caixotes nem sequer eram abertos. Estava lá nessa altura empregado o Felisberto Lemos, que mandava vir tudo quanto nós quíssemos. Entrou muita coisa. Nesse tempo do *Sol Nascente*, vinham as obras do Aragon e de todos aqueles que estavam proibidos e não circulavam em livraria nenhuma.

O quarto na Couraça de Lisboa

O meu quarto servia de sede. Nele se instalou o Manuel de Azevedo. Mais tarde, alugou-se um cubículo, sem luz natural e onde mal caberia uma cama, no cimo do primeiro lance das escadas do mesmo prédio, pois, em certas alturas, como a da expedição, o movimento era demasiado.

Era um quarto muito especial, serviu sempre para tudo. Fizeram-se lá muitas reuniões. Foi sempre um abrigo. O Joaquim Namorado nunca batia à porta, metia o pé e entrava. O quarto não tinha chave.

Houve uma altura em que o António José Soares entrou no meu quarto e encontrou um sujeito magrinho, fardado de militar, com bivaque, que não era um dos habituais. Era, nem mais nem menos, o Álvaro Cunhal que estava nessa altura em Penamacor.

Numa determinada ocasião, o Fernando Pinto Loureiro procurou-me e perguntou-me se era possível armazenar no meu quarto alguns quilos de dinamite que se destinariam a fazer explodir um comboio enviado pelo governo português com apoio logístico para os nacionalistas espanhóis. Eu aceitei. O meu quarto servia para tudo o que fosse necessário.

O episódio da Exposição do Livro Italiano

O António José Soares entrou na Faculdade de Letras, por ocasião de uns ensaios de teatro, e fez essa coisa toda [sabotou a Exposição do Livro Italiano]. Deu logo um brado medonho. O Reitor esteve para se demitir, houve consequências internacionais, foi realmente uma bronca. A acção não foi planeada, surgiu naquele momento a possibilidade de se fazer. Uma das coisas que fizeram foi tirarem um grande livro de perga-

minho onde os visitantes ilustres assinavam, que já tinha a assinatura de chefes de Estado e de governantes de países em que a exposição tinha passado. Foi parar ao meu quarto. Protestei e acabaram por o enterrar.

Relacionaram logo isso com o *Sol Nascente*, de maneira que foram atrás das pessoas que lhe estavam ligadas. Seis ou sete dias depois, aparecerem no meu quarto, onde a revista funcionava, de madrugada, como era costume. Levaram todos os hóspedes da casa. Foi tudo preso e ainda estivemos uma temporada – uns quinze dias – na Penitenciária. Curiosamente, prenderam um irmão do António José Soares, que era nadador, por engano. Depois de os outros terem sido soltos, fiquei eu preso, conjuntamente com o Manuel de Azevedo e o Joaquim Namorado, todos ligados ao *Sol Nascente*. O dono da casa foi ouvido e ilibou logo os restantes. Nós éramos os maus porque ouvíamos a rádio espanhola.

As páginas literárias dos jornais de província

Havia um plano de difusão de ideias culturais e de outras pelo país inteiro. Como acontecia com o acompanhamento da Guerra Civil de Espanha, tinha-se um mapa em que se assinalavam com bandeirinhas os locais com páginas literárias. Era *A Voz da Justiça*, da Figueira da Foz, *A Rabeca*, de Portalegre, era uma série de outros. A colaboração destinada ao *Sol Nascente* era distribuída pelas páginas literárias, se houvesse possibilidade. Havia páginas literárias do Minho ao Algarve. Esse era um trabalho exclusivo do Joaquim Namorado, de quem partiu, e muito bem, a ideia. Era Joaquim Namorado puro.